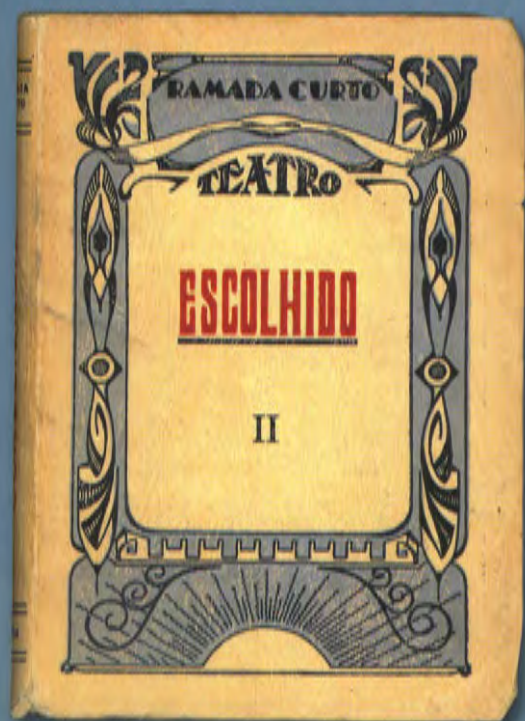


# RAMADA CURTO

## TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica  
de DUARTE IVO CRUZ



BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES



821.134.3 CUR, R 2

BIBLIOTECA  
DE AUTORES  
PORTUGUESES



*Título:* Teatro Escolhido  
Vol. II

*Autor:* Ramada Curto

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Setembro de 2004

*ISBN:* 972-27-1346-9

*Depósito legal:* 215 392/04

# RAMADA CURTO

## TEATRO ESCOLHIDO

Introdução, pesquisa e análise crítica  
de DUARTE IVO CRUZ

Vol. II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA  
2004

A CADEIRA DA VERDADE

[1932]

## A CADEIRA DA VERDADE

### PERSONAGENS:

D. JOANA, 48 anos  
JÚLIA, 28 anos  
MARIA JOSÉ, 35 anos  
CANDINHA, 19 anos  
CARLOTINHA, 50 anos  
LIBÂNIA, a Criada, 23 anos  
SEQUEIRA, 46 anos  
EDUARDO, 28 anos  
ANÍBAL, 32 anos  
PADRE SA, 65 anos  
D. FERNANDO (NAN), 25 anos  
ELECTRICISTA

*Lisboa.*

*Actualidade.*

### I ACTO

*Uma sala mobilada ao gosto moderno em casa de alta burguesia rica. Ao fundo, entrada larga, envidraçada. Portas à D. e à E. No primeiro plano, à D., há um recanto de cena, com uma pequena mesa e duas grandes cadeiras de bric-à-brac. Na parede do fundo desse recanto, vê-se uma espécie de vitral que se supõe dar para o laboratório de Eduardo e que se ilumina por dentro. Logo a seguir a esse recanto é a porta do laboratório.*

CENA I

MARIA JOSÉ, JÚLIA e CANDIDA

MARIA JOSÉ — Vocês estão hoje muito sós... Não é costume. Nem sequer está o pessoal da casa completo. (*A Júlia.*) Teu marido saía quando eu entrava.

JÚLIA — Hoje está isto transformado em convento... As duas manas são as freiras...

CANDINHA — Tu és freira casada... Já tens frade... Eu é que sou noviça.

MARIA JOSÉ — Pois eu hoje disse comigo: não tenho onde tomar chá senão em casa das pequenas e como já as não vejo há oito dias vou até lá.

JÚLIA — É para agradecer. Vires aturar estas solitárias, podendo estar a esta hora nalgum salão, cheio de gente imensamente divertida.

MARIA JOSÉ — Aborrece-me, queres crer? Muita gente junta não se salva... Podia ir a casa da Germilde... Uma sensaboria!... Tudo gente empalhada e antiga... As Gameiros? Outras... Insuportáveis com as pretensões intelectuais e artísticas... A Titina é divertida mas desde que o amante lhe passou o pé...

JÚLIA — Maria José!... Olha a mana! Respeita a donzela.

CANDINHA — És irresistível de graça!...

MARIA JOSÉ — Ora! Ela não está numa redoma de vidro e isto são coisas que quase vêm nos jornais...

JÚLIA — Em resumo, optaste por nós... Mas estás mal... Não há senhores para acharem que tu és encantadora...

MARIA JOSÉ — Não são indispensáveis. Também cansam. Há chá e bolos e eu estou a cair de fraqueza.

JÚLIA (*toca uma campainha*) — Vais ser servida... É a hora... Não dirás que te matamos à fome... E a propósito, para te consolar de não teres homens que reparem, sempre te direi que esse vestido é bonito...

MARIA JOSÉ — Gostas? É da Lagrange... É um trapinho engraçado.

JÚLIA — E vai-te bem... *(A Criada entra.)* Traga a bandeja. Diga a minha tia que venha tomar chá.

CRÍADA — A Sr.<sup>a</sup> D. Joana saiu depois de almoçar e ainda não voltou.

JÚLIA — Saiu? Só?

CRÍADA — No automóvel com o senhor... *(Sai.)*

MARIA JOSÉ — Vê-se bem que a tua tia é doutra geração diferente da nossa... Ainda sai com o marido.

JÚLIA — E com o segundo... E mais novo do que ela... É pra que saibas...

MARIA JOSÉ — Mas ela está ainda muito bem. Tem muita linha. Eu compreendo que o segundo marido, apesar de mais novo, se sintia bem ao lado dela.

JÚLIA — O que não impede que o filho do primeiro matrimónio já seja um homem...

MARIA JOSÉ — Um homem não é bem...

JÚLIA — Não é bem?

MARIA JOSÉ — Não. É um sábio. Um sábio não é um homem.

CANDINHA — O meu primo Eduardo é um sábio — mas é um perfeito rapaz.

MARIA JOSÉ — Tu já entendes disso, pombinha?

CANDINHA — Tenho olhos... E não vivo numa redoma, Maria José.

*(A Criada traz a bandeja com chá e bolos, que põe sobre a mesa.)*

JÚLIA *(servindo Maria José)* — Queres com leite, Zeca?

MARIA JOSÉ — Não. Simples... Efectivamente o vosso primo é um rapaz simpático... Sabem quem outro dia me falou nele: a maluca da Titina. Creio que não se lhe dava de aprender Física e Química com ele, agora que o Botelho lhe passou o pé.

*(Cândida afasta-se em qualquer jogo de cena.)*

JÚLIA — Como foi isso do Botelho? Diz depressa antes que a Candinha volte...



MARIA JOSÉ — Não sabes? Foi a mulher do Barreto — um homem muito rico...

JÚLIA — Sei quem é. Conheço-os a ambos. Uma loira, forte...

MARIA JOSÉ — Exacto. Pois foi essa que lhe pagou a viagem a Paris e à Alemanha — que o Botelho não tem vintém... Não vês tu que o marido tinha comprado um *Roll's* e eles foram estreá-lo...

CANDINHA (*voltando, curiosa*) — Que estás tu a dizer?

MARIA JOSÉ — A conversa não mete anjinhos... Estava a dizer que o vosso primo não tem nada o ar de sábio. E como é muito rico, o que ajuda,... tem um grande partido entre as raparigas que o conhecem... Eu li nos jornais que ele tinha sido convidado para professor por uma escola alemã...

JÚLIA — A Universidade de Heidelberg... Foi verdade...

MARIA JOSÉ — Heidelberg? Já vi uma fita que se passava lá nessa terra... É professor de quê?

CANDINHA (*conceituosa*) — De Química Biológica...

MARIA JOSÉ — Hem? E o que é isso?

CANDINHA — Não sei... É uma coisa muito difícil, com certeza! E é uma honra para o País um convite destes feito por uma universidade lá de fora... Para o País e para a família.

MARIA JOSÉ — Que dúvida! (*Ri.*) Estou a apreciar a gravidade com que dizes isso!... Química Biológica então?... Aposto que não se te dava de a aprender?

CANDINHA — Essas coisas não são para mulheres, Zeca...

MARIA JOSÉ — Protesto! Reivindico os direitos do sexo! Foi uma velha de quem eu já vi o retrato num magazine quem descobriu o rádio.

CANDINHA — Madame Curie?... Não o descobriu. Foi a genial continuadora da obra do marido... Mas Madame Curie é uma mulher excepcional.

MARIA JOSÉ — E tu, pelo que já sabes dessas coisas, és ainda capaz de dar uma mulher excepcionalíssima.

CANDINHA (*encolhendo os ombros*) — Não falas nunca a sério... És uma estarola.

JÚLIA (com um sinal de entendimento a Maria José, para ouvirem Candinha) — O Eduardo diz que a Candinha é um espírito cheio de curiosidades científicas... A Candinha tem licença de entrar no laboratório, ele responde-lhe a todas as perguntas, empresta-lhe livros...

MARIA JOSÉ — Ah! Sim?... Ó filha, toma lá cuidado com essas curiosidades... biológicas, não é? Tu és bonita de mais para ser sábia... (Indicando um cesto que está sobre a mesa e papéis de cor.) O que é que vocês estão a fazer?

JÚLIA — São flores de papel, marcas de *cotillon*, bugigangas para uma festa... Um chá de caridade...

MARIA JOSÉ — Não me fales nisso! Tenho tido um trabalho insano, porque pertenço a uma comissão semelhante. Para a semana tenho dois chás, um baile e um *garden-party*... Mas é preciso ajudar os pobres, coitados!...

CANDINHA — A miséria social é muito grande... Estas coisas são paliativos...

MARIA JOSÉ — Ó Candinha, diz lá isso outra vez.

CANDINHA — Digo e repito, se tu queres... A miséria social é enorme. Os nossos auxílios são uma gota de água.

JÚLIA — Então é melhor cruzar os braços?

CANDINHA — Não... Mas o dever das pessoas cultas é estudar as causas do mal e depois dar-lhe remédio. O mundo está mal organizado e é preciso organizá-lo melhor...

MARIA JOSÉ — Ai que a pequena é bolchevista!

JÚLIA — Tu não calculas o que aí está! O outro dia o Padre Sá ficou alarmado com as coisas que lhe ouviu...

CANDINHA — O Padre Sá é um santo homem e eu bem sei que sou uma criança... Vocês, porque são mais velhas tratam-me assim, de resto... Deixá-lo. Eu não me importo. Mas só te digo isto, Zeca, não é por tu te fartares de beber chá e comer bolos ou de dançares toda uma noite que o mundo deixa de estar mal feito...

JÚLIA — Ó menina, tu com esses arzinho estás uma antipatia de pequena... Pareces a *Fräulein*, a velha Schwartz. Só te faltam os óculos e os pêlos no queixo. (A Maria José.)

O culpado disto é o Eduardo, o sabichão do nosso primo e o tal Aníbal, o grande amigo dele. Tu conheces?

MARIA JOSÉ — Conheço... Tem um tipo tão ordinário, não tem?

JÚLIA — Não... lá isso não acho... Acho-o antes um tipo perigoso! Com aquele ar bonacheirão... e trocista, diz coisas terríveis!

MARIA JOSÉ — O vosso primo é muito amigo dele?

JÚLIA — São inseparáveis. Não se largam. Creio que é o Eduardo que o sustenta. Ele vive cá em casa. Parecem dois compadres. O Eduardo fala dele e diz: que grande talento e que grande coração! O outro paga-lhe na mesma moeda, mas com restrições. Está sempre a dizer: «Tu, se não fosses muito rico, podias vir a fazer grandes coisas...»

MARIA JOSÉ — É maluco... Como se o dinheiro não fosse a única força capaz de fazer grandes coisas no mundo.

## CENA II

Os mesmos, a CRIADA e CARLOTINHA

CRIADA (*entrando misteriosa, risonha*) — Minhas senhoras...

JÚLIA — O que é?

CRIADA — Chegou a Sr.<sup>a</sup> D. Carlota...

JÚLIA (*num terror*) — Misericórdia!

CANDINHA (*mesmo jogo*) — Não... Isto agora é mais sério!

MARIA JOSÉ (*levantando-se*) — Ó filhas, eu vou-me embora... A Carlotinha complica-me com os nervos...

JÚLIA (*à Criada*) — Diz-lhe que eu estou doente... com dores de cabeça. Que não saio do quarto... Vamo-nos embora, Candinha.

CRIADA — Não pode ser, minha senhora... Eu disse-lhe que a Sr.<sup>a</sup> D. Joana não estava... Mas sabe como ela é! Disse-lhe que estavam as senhoras e vem aí já...

JÚLIA — Ai, Jesus!... A Carlotinha! Ó Zeca, não te vás embora neste transe...

CARLOTINHA — Vocês dão licença, pequenas?... (*Entra.*)

JÚLIA — Ó Carlotinha! Ditosos olhos!... Tens feito uma grande ausência.

CARLOTINHA (*vendo Maria José*) — Ah! Vocês não estão sós? E eu vinha a pedir a Deus para que vocês estivessem sós. (*Aproximando-se.*) Quem é esta? Ah! É a Zeca Miranda.

MARIA JOSÉ — Sim, sou eu, D. Carlota... Como passou?

CARLOTINHA — É curioso! Que coincidência! Ainda ontem falei a seu respeito...

MARIA JOSÉ — Porquê?

CARLOTINHA — Por causa de seu marido... Tinham-no visto num teatro, numa frisa com uma senhora... Estavam a teimar que era você... Eu disse que não, já se deixa ver... Você não é loira!

JÚLIA — Começa bem!...

CARLOTINHA (*a Júlia*) — Tu como estás, filha? Credo! Que pintadas que vocês andam agora!

JÚLIA — Achas?

CARLOTINHA — Fazes bem, fazes bem!... A «saúde de caixa» é uma grande coisa... Ai! Venho estafada... Dêem-me uma xícara de chá, bem quente...

CANDINHA — Tem aqui, Carlotinha... (*Serve-a.*)

CARLOTINHA (*escolhendo os bolos*) — Que bolos estes!

JÚLIA — Não te cheiram os bolos, Carlotinha? Olha que não são maus... Mas, naturalmente, tu em tua casa tens melhor...

CARLOTINHA — Eu não!... Também não dou chás... Que isto de dar chás e apresentar bolos secos e chá com bafio vai estando muito em moda.

MARIA JOSÉ — Diga-me uma coisa, D. Carlota, onde foi que lhe contaram essa história de meu marido.

CARLOTINHA — Foi em casa da Maria Teresa, da Germilde... Mas porquê? Isso interessa-a?